HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

PROFESSOR EM FORMAÇÃO INVESTIGANDO A AVALIAÇÃO ESCOLAR

TEACHERS IN FORMATION INVESTIGATING THE SCHOOL EVALUATION

Rosangela Inês Matos UHMANN[1]
Elizandra NINAUS[2]
Roque Ismael da Costa GÜLLICH[3]

Resumo: o tema da avaliação escolar é recorrente e tem sido abordada em encontros de formação de professores e pesquisadores da área, entre outros espaços educacionais, visto a necessidade de conhecermos as concepções, diferentes estratégias de ensino, os limites e as possibilidades nas formas de avaliar. O que nos levou a investigar as concepções e formas de avaliação por meio de uma entrevista semiestruturada a quatro professoras de escola pública da Educação Básica, para um entendimento no processo de ensino que nem sempre tem essa finalidade, talvez, por desconhecimento. Constatamos que a concepção de avaliação classificatória apresenta resquícios advindos da formação dos professores, no entanto, a mediação colaborativa elucida a importância no uso de diferentes estratégias avaliativas, a exemplo de incentivar mais as escritas pelos alunos, desmistificando a supremacia dos exames finais. Na avaliação não há homogeneidade de ideias sobre as concepções e práticas, estas vão se definindo de forma heterogênea, pois é no processo que ocorrem as implicações e os entendimentos no princípio de que se avalia para ensinar e aprender melhor.

Palavras-chave: Estratégias Avaliativas. Escola Básica. Formação Docente.

Abstract: school evaluation is a constant theme that has been addressed in meetings of teachers' formation and researches of the area, among other educational environment regarded: the requirement of knowing the meanings, different strategies of teaching, the limits and the possibilities in the methods of evaluation. This issue led us to investigate the conceptions and the method of evaluation through a semi-structured interview to four Basic Education teachers of public school to an understanding in the process of teaching that are related to this purpose maybe by lack of knowledge. We observe that the conceptions of evaluation classificatory presents remains from teachers formation, however, the collaborative approach clarify the importance of the use of different evaluative strategies, the example of stimulate more the writing by the students demystifying the predominance in the final exams. In the evaluation, there is a lack of ideas similarity about the conceptions and practice; they are defined in a

[1] Doutora e Mestre em Educação nas Ciências (Unijui). Professora Adjunta do Curso de Química Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, RS. Coordenadora do PIBID, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática (GEPECIEM) e Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências – PPGEC/UFFS. E-mail: rosangela.uhmann@uffs.edu.br
[2] Graduação em Ciências Biológicas da UFFS. E-mail: elizandraninaus@hotmail.com
[3] Professor Adjunto de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Ciências e Biologia Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências - PPGEC/UFFS Tutor do PETCiências - FNDE-MEC/UFFS Pesquisador Líder do GEPECIEM. Editor da Revista Insignare Scientia. E-mail: bioroque.girua@gmail.com

e-ISSN: 2318-1540

heterogeneous way since the process that the implication and understandings happen in the principle that evaluate to teaching is to learn better.

Keywords: Evaluative Strategies. Basic School. Teachers' Formation.

Introdução

A presente pesquisa consiste em investigar as concepções e as formas de avaliação, bem como as limitações e possibilidades com a finalidade de conhecer um pouco mais a realidade dos professores da Educação Básica, tendo em vista os princípios que norteiam a avaliação escolar. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa aos olhos de quem está dia a dia nas escolas, tendo em vista que o uso da avaliação tem papel fundamental na vida escolar, entrevistando quatro professoras de dois municípios do Rio Grande do Sul (RS). A avaliação escolar se desenvolve fazendo sentido ao ensino com as diferentes atividades, ou seja, assim acontece a relação no processo de ensino e aprendizagem quando se eleva a atenção e o estudo aos aspectos avaliativos em contexto escolar.

O tema da avaliação escolar vem ocupando espaços diferenciados, tanto nas discussões escolares, como nas pesquisas, no que diz respeito ao processo de ensino. Luckesi (2011a, p. 18) ressalta com preocupação que "[…] o sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos". Muitas vezes esquecemo-nos de abordar ou enfatizar o que realmente faz parte do processo de ensino quando se avalia, o qual precisa ser de acompanhamento e não de julgamento quanto ao sucesso e/ou fracasso.

O processo que permeia a avaliação precisa acontecer intrínseco ao ensino, bem como acontecer um diálogo permanente entre os professores, direção e comunidade escolar, necessitando de tempo e espaço para discutir, planejar, executar e avaliar diferentes formas de avaliação. O que promove a análise e reflexão das mesmas, buscando algo diferenciado para aproximar os alunos da participação nas aulas, visto que cada atividade precisa ser incentivada, avaliada, discutida e reelaborada no coletivo escolar.

Mesmo trazendo a avaliação educacional na formação de professores por ser um tema emergente que instiga constante discussão, ainda mais por enfrentarmos certa dificuldade quanto ao seu entendimento a respeito da concepção, práticas, registros e fundamentação teórica. No entanto, exigem-se que o tema seja discutido e acompanhado várias vezes no

e-ISSN: 2318-1540

decorrer do ano letivo, pois existe certo desconhecimento dos principais objetivos referentes ao acompanhamento da aprendizagem, bem como no uso de diferentes instrumentos avaliativos. Avaliar é mais que apontar se o aluno aprova ou reprova.

Com a intensão de que avaliar não é julgar e sim conhecer, mediar e dialogar, que nos propomos a identificar as concepções e as estratégias avaliativas demonstrada por quatro professoras, as quais têm acompanhado os estagiários de Ciências na Educação Básica, bem como entender os limites e as possibilidades enfrentados no processo de ensino.

A avaliação educacional é um tema que precisa ser dialogado e trabalhado nas escolas, universidades e espaços de formação inicial e continuada, pois existe a necessidade de melhorarmos o embasamento teórico-prático, a começar pelo estudo no aprofundamento da complexidade que é ensinar, aprender e avaliar, a ser olhado no processo e não apenas nos resultados finais.

> […] avaliação e aprendizagem são termos que assumem múltiplas dimensões porque estão atrelados a diferentes concepções. Avaliar é, por essência, o ato de valorar, de atribuir valor a algo, de perceber às várias dimensões de qualidade acerca de uma pessoa, de um objeto, de um fenômeno ou situação (HOFFMANN, 2010, p.47).

No entendimento de que avaliar é assumir múltiplas dimensões que nos desafiamos a estudar a problemática da avaliação. Na sequência, apresentamos os aspectos metodológicos. Após é problematizado as concepções de avaliação escolar e, no item seguinte as estratégias avaliativas pelos professores, estes que vem acompanhando os estágios de Ciências na Educação Básica, bem como os limites e as possibilidades das estratégias avaliativas no ensino. Tais aspectos ao serem pensados incitaram reflexões sobre a questão da avaliação de forma ampla e também necessária aos próprios autores desta pesquisa.

Aspectos metodológicos

Nossa pesquisa está embasada em uma metodologia qualitativa, em que destacamos Lüdke e André (1986, p.34), as quais contribuem ao dizer: "[…] uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais". Pois a ideia da entrevista

possibilita: “discorrer sobre o tema ou as perguntas que serão abordadas, desenvolvendo assim, uma interação entre ambos, entrevistado e entrevistador” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33). Para este estudo realizamos uma entrevista semiestruturada (gravada e transcrita) com quatro professoras de escola pública dos municípios de Cerro Largo-RS e São Paulo das Missões-RS, área de Ciências da Natureza sobre a avaliação escolar.

O motivo de dialogar com as professoras é devido terem recebendo estagiários em suas turmas no ensino de Ciências (segundo semestre de 2017), constituindo para os estagiários o primeiro contato com o campo de atuação na escola. Para tanto, problematizamos as falas em atenção à formação das mesmas comparadas com os dias atuais sobre o tema da avaliação escolar. Cabe destacar que P1, P2 e P4 são formadas em Ciências Biológicas e P3 em Matemática. P1, P2 e P3 possuem Pós-Graduação em Especialização em Interdisciplinaridade e P2 possui Mestrado em Botânica. A atuação na docência gira em torno de 10-12 anos, no entanto, P4 está quase se aposentando.

Quadro 1 – Questionamentos utilizados na entrevista semiestruturada

Nº	Questionamentos
1	Qual sua concepção de avaliação escolar?
2	Quais as estratégias avaliativas mais usadas nas aulas de Ciências?
3	Quais estratégias avaliativas observadas nos estágios acompanhados?
4	Como foi o acompanhamento nos estágios respectivo ao processo de avaliação escolar quanto às possibilidades e os limites?

Fonte: os autores (2017).

Após o planejamento dos questionamentos e estudo dos referenciais, esta pesquisa foi enviada e aprovada pelo Comitê de Ética respeitando-se os princípios éticos de uma pesquisa qualitativa por envolver seres humanos, expressos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), em que os professores foram nomeamos por P1, P2, P3 e P4 para preservação das identidades. E a partir da compreensão das falas (que serão apresentadas em itálico) instigada pelos questionamentos sobre as concepções e estratégias, observarmos diferentes concepções de avaliação escolar, assim como do significado das estratégias avaliativas nas diferentes práticas em contexto escolar da Educação Básica. Na sequência serão

e-ISSN: 2318-1540

problematizados inicialmente as concepções e, após as estratégias com mais intensidade, em que a opção foi ir trazendo os referenciais sobre a temática aleatoriamente, junto dos dados e análise dos mesmos.

Diferentes concepções de avaliação escolar

No decorrer dos últimos anos, a discussão em volta da avaliação escolar é intensa, tanto, que muito se fala que a avaliação precisa ser reestruturada. Existem críticas sobre a forma com que a avaliação escolar vem sendo conduzido nas escolas, sobretudo, o modo com que os professores vem avaliando os alunos. Nesse caso, quais as concepções de avaliação planejadas e de execução possíveis para mudar a realidade?

Muitos professores devido à falta de explicação e/ou conhecimento acerca da avaliação escolar desenvolvem suas práticas avaliativas de forma classificatória, fazendo uso da aplicação de testes, trabalhos individuais e/ou grupos, relatórios, provas ou outras atividades na obtenção de uma nota, conceito e/ou parecer como forma de observar os resultados de cada aluno. Mas quando se finaliza um processo de ensino com uma nota, por exemplo, não se leva em conta o processo de acompanhamento da aprendizagem dos alunos, a começar pela participação e interação durante o processo de avaliação no ensino. Cabe ressaltar: "[…] que sem avaliação contínua, não se tem um *feedback* do planejamento desenvolvido" (GÜLLICH, 2013, p.70).

Defendemos uma avaliação que aconteça de forma contínua, intrínsecos ao planejamento no processo de ensino, assim é possível fazer a diferença. A questão é desenvolver diferentes métodos avaliativos no processo de ensino, os quais poderão ajudar a diagnosticar o desenvolvimento cognitivo dos alunos em suas particularidades, o que requer uma compreensão quanto à concepção de avaliação. P1 ao ser questionada (acerca da questão 1) relata: "*deveria ser para construir o conhecimento do aluno, favorecer o conhecimento do aluno, para o aluno saber o quanto ele já sabe daquilo que está sendo trabalhado, só que na real é para o professor saber se o aluno sabe ou não sabe, se o aluno está ou não está estudando*".

Percebemos em P1, um embate entre o saber e o fazer, o qual se constitui em um aparato de início reflexivo acerca da avaliação escolar, uma concepção que exige mudança no processo de ensinar e avaliar em consonância. P1 entende a finalidade da avaliação, no entanto, separa o processo de ensino com a avaliação, no qual não basta o desenvolvimento de variadas estratégias

metodológicas de avaliação, se estas não são pensadas para propiciar ao aluno momentos de construção do conhecimento. A questão é desfazer o mito da avaliação como produto final, que está relacionado às práticas avaliativas de forma reprodutora dos conceitos escolares. O que tem perspectiva para tal mudança é o diálogo com estudo entre os professores que almejam enfrentar os problemas que lhes afligem. Hoffmann (2013, p. 35) ressalta:

> Parece-me necessário desestabilizar práticas rotineiras e automatizadas a partir de uma tomada de consciência coletiva sobre o significado dessa prática. E esse é um desafio que se tem que enfrentar! O maior dentre os desafios é ampliar-se o universo dos educadores preocupados com o "fenômeno avaliação", entender-se a discussão do interior das escolas a toda a sociedade, pois considerando-se que o mito da avaliação é decorrente da sua história feição autoritária, é preciso descaracterizá-la dessa feição pensando nas futuras gerações.

Durante o processo histórico de avaliação é forte "*a cobrança para que se faça provas*" (P3), um dos instrumentos supremos que precisa ser desmistificado, esse que vem se arrastando de tempo em tempo, no qual a finalidade se caracteriza em classificar o nível de conhecimento de cada aluno, por meio de notas, como se isso fosse possível. No entanto, acreditamos que ninguém é contra que se façam provas, o que somos contra é quando esse instrumento como qualquer um dos outros (relatórios, testes, portfólios, diários, etc.) é usado como produto final. Entendemos a necessidade de várias estratégias avaliativas, as quais vão se constituindo para se ter um produto final, a exemplo das provas e relatórios entre outros, que precisam ajudar no acompanhamento da aprendizagem servindo de *feedback* para o aluno aprender com os erros apresentados e sucessivamente sanando as dificuldades.

Planejar outras e diferentes formas de avaliação, por si só, não resolve o problema. É preciso ir além, desde o planejamento embasado em estudos de referenciais, organização, execução, avaliação individual e coletiva, bem como a necessidade de replanejar, buscando desenvolver nos alunos as competências necessárias. Nessa perspectiva, a avaliação:

> […] tem função diagnóstica; favorece o autoconhecimento do educando; contribui para que o educando se torne o sujeito do seu processo de aprendizado; tem compromisso com a educação democrática, com propósitos e práticas de inclusão dos educandos; propõe uma relação pedagógica democrática entre educador e educando; ajuda o educando a aprender e o educador a ensinar; auxilia o professor a replanejar a sua ação; prioriza os aspectos qualitativos do desenvolvimento do educando; enfatiza o processo e o resultado do aprendizado; é participativa (SAUL, 2008, p. 23).

e-ISSN: 2318-1540

Ao retomar a importância da participação, nos vêm à mente os encontros de formação ocorridos principalmente no início do ano letivo nas escolas, onde as referências teóricas de como é mais adequado avaliar, assim como os paradigmas perpassados no ato de avaliar são apresentadas teoricamente. Porém, as mudanças, muitas vezes são vistas apenas de forma teórica e/ou impositiva, ou seja, o professor não consegue efetivar na realidade da sala de aula, em suas práticas do dia a dia o que é visto teoricamente, visto existir a necessidade de um acompanhamento efetivo no decorrer do ano letivo aos professores.

O que significa, então, 'aprender a avaliar'? Significa entender os preceitos teóricos sobre avaliação, mas, concomitante a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano. "Aprender conceitos é fácil, o difícil mesmo é passar da compreensão para a prática" (LUCKESI, 2011-a, p.30).

Diferentes são as compreensões entre os professores a respeito da avaliação. Vale ressaltar o diálogo de P3 a respeito da questão 1: "*avalio a participação, observação, o envolvimento deles nas aulas, pois eu gosto de levar o conteúdo para o cotidiano"*. Ao desenvolver uma prática voltada para o dia a dia do aluno, se abre um leque de opções para dialogar com os alunos, momentos para questionar, trocar informações entre aluno/professor e aluno/aluno, é o que entende P3 sobre concepção de avaliação em nossa percepção. Esse movimento de interação e de mediação auxilia o aluno no processo de construção do conhecimento.

P4 também ressalta sua concepção de avaliação: "*Seria avaliar o aluno para ver, até avaliar a gente para ver se conseguiu transmitir o conteúdo ou não, até que ponto foi válido às explicações e se eles conseguiram aumentar o conhecimento deles. Para isso a gente faz a avaliação, para ver se eles conseguiram avançar no conhecimento".* Com a fala de P4, ressaltamos a preocupação com a forma de ensinar, se o aluno está ou não entendendo suas explicações. Desse modo, em meio à avaliação urge valorizar e respeitar o educando na mediação da prática docente com atenção, conhecendo o aluno, observando o crescimento de cada um, no envolvimento de todos, sobretudo, aqueles que quase não perguntam, se estão ou não entendendo o conteúdo abordado.

Neste caso, é possível avaliar sem conhecer o que diz o avaliado? Há construção de conhecimento sem propiciar ao aluno as formas para o desenvolvimento de suas capacidades? Para o processo avaliativo é importante que os alunos saibam o porquê e para quê do uso deste ou daquele instrumento, assim como saber se o motivo ora é para diagnosticar, ora é para acompanhar, sendo às vezes um subsídio para novas formas de avaliar/mediar, com vistas, a construção do conhecimento.

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

Ao abordar um conteúdo ou bloco de conceitos faz-se necessário a essa atividade imbricar as estratégias avaliativas, as quais precisam de objetivos planejados para que o professor tenha em mente se o que planejou alcançou ou não os objetivos esperados.

Tendo como pressuposto a criatividade, o pensamento crítico e o posicionamento argumentativo e provocativo na interação com e entre os alunos. O cuidado está em enriquecer os instrumentos mediadores em que os alunos e alunas expressam na realização "[...] das atividades escolares, as diversas modalidades de linguagem social, os vários gêneros discursivos e os diferentes conceitos elaborados nas múltiplas interações sociais das quais participam e nos diversos cenários socioculturais em que transitam" (ESTEBAN, 2010, p.87).

Após planejar e executar as atividades didático-pedagógicas, o professor reflete acerca da sua prática, verifica quais os pontos que precisa melhorar, tornando-se um professor "[…] que reflete em situações e constrói conhecimento a partir da reflexão sobre sua prática" (ALARCÃO, 2011, p. 48). Neste sentido, P2 ao dialogar argumenta acerca da questão 1: "*a avaliação deve servir de base para nossas ações, porque qualquer coisa que eu avalio eu tenho que ver a que ponto anda para mudar minhas atitudes ou minhas ações, nós também temos que nos avaliar"*. Falar de avaliação instiga o professor a avaliar-se, pois permite refletir sobre quais os pontos precisam ser melhorados e (re)planejados nas aulas, projetos, entre outros, assim como os instrumentos e registros avaliativos.

"O planejamento se define aonde se deseja chegar com a ação, assim como os meios para chegar aos resultados desejados" (LUCKESI, 2011b, p.20). É por esse motivo que precisamos de planejamento estabelecendo os objetivos que queremos alcançar, pois é exigência no processo de acompanhamento do aluno visando à aprendizagem, e não um resultado final, uma nota ou conceito. Arbitrariamente, através da observação e diálogo envolver os alunos nas diferentes formas de abordar cada conteúdo em contexto escolar sob o olhar do mundo em constante transformação.

Olhar para o individual requer entender que o coletivo também é importante no favorecimento da aprendizagem quanto ao desenvolvimento do pensamento intelectual. Isso quer dizer que cada aluno possui seu ritmo de entender, assim precisa ser visto individualmente (e, por vezes, coletivamente) no desenvolvimento das atividades pedagógicas, as quais favorecem a troca de ideias, com olhar singular de cada aluno em contexto escolar.

Ao pensarmos na temática dessa escrita e do cuidado com a aprendizagem de cada aluno, cabe trazermos a fala de P3 para além das três questões (quadro 1), a saber: *"comecei a refletir após a realização dos meus estágios ao conhecer um pouquinho da escola, que não é uma tarefa fácil, em*

uma sala com 30, 40 em algumas, 50 alunos. Como desenvolver uma avaliação voltada para o único, o individual? Essa é uma tarefa muito difícil, mas não impossível. No estágio trabalhei acompanhando o seminário integrado, no qual precisei orientar os alunos a realizar uma pesquisa a partir de um tema que os mesmos escolheram. Após a escolha, iniciaram a pesquisa. Nesse momento percebi a dificuldade dos mesmos em pesquisar e escrever sobre o assunto. A cada aula precisava ter um olhar individual para cada grupo. Declaro que atender a cada grupo, cada um com uma dúvida diferente, levou-me em certos momentos a parar e explicar novamente no coletivo, mas sempre voltando para cada grupo e mediando sempre que necessário. Esse processo de atender a cada um individualmente requer um esforço enorme do professor, o qual muitas vezes, não tem o devido tempo e também não está preparado para exercer".

O relato trouxe à tona o quanto avaliar e acompanhar os alunos é complexo no decorrer do processo de ensino. Além disso, a avaliação não está restrita apenas ao espaço da sala de aula, pois abrange a vivência dos alunos, ou seja, todos estão de uma forma ou de outra a mercê do que a escola e a sociedade lhes propõe. Urge que a escola também se volte aos aspectos sociais e culturais para fora dela, bem como não pode deixar de observar os objetivos pretendidos acerca do processo da avaliação. Os sujeitos escolares precisam participar efetivamente da política que rege a escola. P3 (questão 1) destaca: "*A avaliação escolar é necessária não só para avaliar o aluno, mas o professor e a escola como um todo precisam ser avaliados. A forma de avaliar busca a aprendizagem e a mudança de atitude, porque eu acho que a aprendizagem só existe quando existe uma mudança, se não existe mudança não existe aprendizagem".*

Ter a preocupação com a formação dos alunos, de fato é primar pelo direito à cidadania, visto os instrumentos culturais que a escola tem a finalidade e a responsabilidade de mediar. Juntamos ao acompanhamento da aprendizagem, a postura de atitude de P3 na verificação do ato de avaliar. Esse é um dos pontos chaves da avaliação de forma geral, a qual tem por princípio uma formação integral dos alunos.

> Atribuir um novo significado à avaliação requer, do professor, a análise da sua prática, que, quando voltada para promover a aprendizagem, precisa ser permeada por intervenções junto ao aluno. Com esta finalidade, avaliar não pode ser considerado como um ato mecânico, consolidado na atribuição de notas, mas sim como um momento de parada e análise da caminhada do aluno, no curso da aprendizagem e das formas como o ensino vem sendo efetivado. Ter este olhar para a avaliação é reconhecê-la como um processo, que visa não somente enfatizar aquilo que o aluno já

e-ISSN: 2318-1540

> se apropriou, mas identificar a forma como o ensino procedeu (NASCIMENTO, 2012, p.100).

Ao provocarmos a discussão acerca da avaliação escolar, constatamos que a mesma está em constante mudança e, desempenha um papel fundamental no processo de ensino. Para tanto, precisa ser utilizada de forma mediada, com diferentes estratégias avaliativas (em discussão a seguir com base nas questões do quadro 1, em especial o segundo questionamento) precisando ser constantemente replanejada no intuído de ser considerada uma das formas de construção do conhecimento escolar.

Estratégias avaliativas em discussão na educação básica

O ato de avaliar quando planejado em consonância com o ensinar, tem por objetivo melhorar o desempenho dos alunos, visto o crescimento cognitivo e a evolução dos mesmos. Nesse sentido, ao planejar a avaliação é necessário pensar no contexto escolar desde o planejamento das diferentes estratégias avaliativas a serem usadas. Corroboramos com as ideias de Uhmann e Zanon (2014, p.4) ao dizerem: "O professor pode e deve atuar como um guia regulador por meio de estratégias avaliativas de ensino, até o aprendiz assumir maior capacidade cognitiva nas atividades curriculares e extraescolares".

É nessa lógica que se acompanha os estágios, entendendo que os estagiários entram em contato com o campo de atuação, sala de aula/escola para a constituição da docência com excelência. Ou seja, o estagiário antes de iniciar sua atuação necessita de um bom aparato teórico acerca da avaliação. A partir desse primeiro passo, potencializa o planejamento de suas aulas, visando no processo de ensino trazer as diferentes estratégias para favorecer a aprendizagem do aluno. Consequentemente, no decorrer das aulas reflete sua atuação perante, diante e sobre os alunos, a respeito do ensino e avaliações, estudando sua própria atuação. É importante a reflexão da prática pelo professor, no qual as pesquisas,

> […] têm caminhado dos estudos sobre a sala de aula, preocupado em conhecer e explicar o ensino e a aprendizagem em situação escolar, para estudar as ações dos docentes, coletivamente considerados, nos contextos escolares, desenvolvendo teorias a respeito dos saberes e conhecimentos docentes em situação de aula e, posteriormente, sobre a produção de conhecimento pelos próprios professores e pela escola. Essa linha de investigação que vem se afirmando concomitantemente ao reconhecimento do professor como produtor de saberes é a de uma *epistemologia da*

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

> *prática docente*, capaz de conferir estatuto próprio de conhecimento ao desenvolvimento dos saberes docentes (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p.16).

Na formação inicial de professores - o momento esperado - acreditamos que sejam os estágios, tendo em vista a possibilidade de inserção no contexto escolar. Nesse contexto, o estagiário acompanhado pelo professor na escola começa a vivenciar a prática de docente. Esse é o tempo para ter entendido e colocar em prática os referenciais sobre avaliação, por exemplo, um dos temas que perfazem e exigem uma compreensão ampla e necessária para atuar no processo de ensino.

Assim, o estagiário com suas concepções e diferentes metodologias de ensino vai proporcionar aos alunos, diversas atividades avaliativas em um trabalho colaborativo com o professor da turma, como podemos observar na fala de P1 em relação à pergunta 2 ao destacar o planejamento de uma estagiária: "*eu gostei muito porque não é mais só prova, uma das coisas que eu gostei foi que exigiam dos alunos relatos e, avaliavam esses relatos, tinham atividades que eles tinham que fazer, após recolhiam essas atividades, havia um cuidado maior para ver se os alunos estavam ou não aprendendo".*

P1 continua, relatando como foi sua formação e como foi orientada para proceder no processo avaliativo, ou seja: *"O que a gente fazia era passar o conteúdo, a gente procurava fazer aulas práticas com eles, era a orientação a respeito disso. Sempre focando o experimental, fazendo com que o aluno manipulasse o material, depois disso dava exercícios de fixação que você corrigia e depois aplicava uma prova, corrigia e dava uma nota, se fazia uma, duas ou três avaliações, somava, fazia a média e pronto"*. Refletir sobre o que P1 abordou, subentende-se uma avaliação quantitativa em detrimento ao processo qualitativo, ou seja, uma avaliação com princípio classificatório, onde o resultado foi proporcionado na forma de notas finais, não existindo, talvez o acompanhamento da aprendizagem do aluno no processo. Portanto, "É evidente que em qualquer processo de avaliação têm que se considerarem os processos e os produtos de aprendizagem" (FERNANDES, 2004, p.18).

Entendemos a importância de uma prova e/ou exame dependendo da situação, como é o caso das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Prova Brasil, Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), entre outros. Mas quando o assunto é avaliação da aprendizagem, os procedimentos são no decorrer do processo de ensino. A busca apenas por novas práticas avaliativas também não é o suficiente, é preciso avançar ao entender que no ensino, a avaliação é necessária, pois, ajuda no processo educacional. Com essa preocupação, apresentamos a fala de P2, quando questionada a respeito da questão 2: "*no início usava mais provas, participação e comportamento,*

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

hoje peço mais escritas sobre os assuntos estudados, relatos, memórias de aula. Tento avaliar os alunos a cada aula, ou na semana, mas é complicado manter essa avaliação atualizada".

Por meio da expressão: *mas é complicado manter essa avaliação atualizada*, observamos uma das dificuldades enfrentadas pela maioria dos professores, os quais têm de 30 a 40 horas de trabalho semanal, com restrito tempo de diálogo sobre as próprias aulas, levando em conta os objetivos que se quer alcançar. Mesmo assim, "É importante que professores tenham presente a dimensão do (re)planejamento de atividades e dos planos de aula" (GÜLLICH, 2013, p.70). Além disso, as escritas de diários, relatórios e outros instrumentos feitos pelos alunos, precisam de um espaço/tempo para vir à tona e ser diagnosticado, dialogicamente em sala de aula.

Não somos contra o recurso da prova. O que nos incomoda é quando ela é considerada suprema e sem o devido retorno ao aluno. Considerando que uma das estratégias avaliativas seja o uso da prova, ela precisa ser usada como diagnóstico e acompanhamento da aprendizagem dos alunos, no sentido de observar as dificuldades. Pois, a forma com que é usada na maioria das escolas pode não favorecer a aprendizagem do aluno, ou seja, o erro só é levado em conta para reprovar, o que na verdade precisa ser considerado no processo do desenvolvimento da aprendizagem. É preciso acompanhar os estudantes no processo de ensino de maneira mediada, para que a avaliação não seja utilizada como um momento de acerto de contas (MORETTO, 2010).

A avaliação classificatória caracteriza-se pela aplicação de exercícios, testes e provas, por exemplo, onde se tem como objetivo verificar os erros e acertos, sem a observação no acompanhamento do aluno no decorrer do processo de ensino. No entanto, necessitamos entender que os erros precisam ser levados em conta, assim como as provas ou outros instrumentos avaliativos (como pesquisas, debates...) que podem auxiliar na aprendizagem do aluno, como contribuinte no decorrer do processo de ensino (e não apenas como resultado final), desde que o aluno se beneficie de tais estratégias na construção do conhecimento escolar.

Afinal, qual a finalidade das estratégias avaliativas escolares? "A avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido" (HOFFMANN, 2003, p.120). O que nos fez buscar Hoffmann (2003, p.75) para entendermos os dois tipos de avaliação, uma denominada:

> Avaliação classificatória: corrigir tarefas e provas do aluno para verificar respostas certas e erradas e, com base nessa verificação periódica, tomar decisões quanto ao seu

HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO
e-ISSN: 2318-1540

> aproveitamento escolar, sua aprovação ou reprovação em cada série ou grau de ensino (prática avaliativa tradicional).

E a outra:

> Avaliação mediadora: analisar teoricamente as várias manifestações dos alunos em situação de aprendizagem (verbais ou escritas, outras produções), para acompanhar as hipóteses que vêm formulando a respeito de determinados assuntos, em diferentes áreas de conhecimento, de forma a exercer uma ação educativa que lhe favoreça a descoberta de melhores soluções ou a reformulação de hipóteses preliminarmente formuladas. (HOFFMANN, 2003, p.75).

Como podemos observar existem duas formas de avaliação: a classificatória e a mediadora, as quais precisam de fundamentação teórico-práticas de forma crítica. Os professores regentes, assim como os estagiários antes de atuarem em sala de aula precisam se fundamentar e ter um conhecimento dessa diferença, tendo em vista que para muitos licenciandos, os estágios são o primeiro contato nas escolas. Neste contato, muitos são desafiados a constatar na realidade escolar, as dificuldades e os desafios. Segundo Baccon e Arruda (2010, p. 510):

> O estágio supervisionado tem uma função primordial na formação inicial do estudante da licenciatura. Seja na fase de observação, de participação, ou na de regência, o estagiário tem a possibilidade de se colocar em profunda reflexão, construindo ou desconstruindo expectativas sobre a profissão docente e sobre ser professor, a partir do contato direto com a realidade escolar.

Nesse contato com o contexto escolar: "[...] o professor regente pode influenciar positiva ou negativamente na elaboração dos saberes docentes dos professores em formação, servindo de modelo ou, mesmo, de contraexemplo para os mesmos" (BACCON; ARRUDA, 2010, p. 510). Esta relação de troca dialógica entre estagiários e professores regentes possui papel importantíssimo para a formação do licenciando acerca do ensino, da aprendizagem, do planejamento, consequentemente da avaliação escolar. Com isso, salientamos que não é preciso abolir as provas, mas que essa seja utilizada de forma contextualizada, para isso o professor precisa usufruir da mediação e o diálogo no acompanhamento dos alunos. Moretto (2010, p.58) orienta:

> Seria importante que o professor comunicasse aos alunos, com certa antecedência, o número de questões de sua prova (se a avaliação for feita por meio desse instrumento) e o objetivo de cada uma delas. Isso não significa 'dar' a questão, e sim orientar o estudo dos alunos, lembrando que essa é a função primordial do mediador do processo de aprendizagem. Isso diminuiria o estresse de muitos alunos diante da insegurança que uma avaliação (prova!) acarreta.

e-ISSN: 2318-1540

P2 com relação à questão 3 abordou que a estagiária sob sua supervisão atuou utilizando diferentes métodos avaliativos, e não só a prova, ou seja: "*Trouxe inovações, trouxe coisas novas na maneira de avaliar, veio com o diário de bordo que foi uma inovação, bastante experiências mostrando na prática, onde buscou desenvolver diferentes modalidades didáticas para auxiliar o aluno a compreender os processos que envolviam cada conteúdo, preocupando-se com o aprendizado do aluno"*, assim observamos uma preocupação em instigar no aluno o potencial da escrita.

No ato das avaliações escolares os professores enfrentam limites relacionados às escritas, mas também contam com possibilidades na efetivação do ensino. P2 argumenta ao responder a questão 4: "*O ponto positivo é a variedade de formas avaliativas e como elas eram realizadas"*. P3 adentra na questão dizendo: "*O negativo eu vejo como a falta de tempo para analisar as atividades, porque daí você está trabalhando, como eu trabalho 40 horas semanais. No início, nas primeiras aulas então você está trabalhando e não encontra um tempo maior para analisar profundamente, mas quando tem estagiário você consegue acompanhar melhor o conteúdo, as atividades, as avaliações".*

Vejamos que um dos limites é a falta de tempo para o planejamento diário dos professores, limite que precisa ser enfrentado. Outra questão é que a escola está organizada em períodos, por disciplinas, o que prejudica o diálogo de forma ampliada nas turmas. Urge mais tempo para discutirmos acerca do ensino e da avaliação entre os professores e alunos nas aulas, nas reuniões pedagógicas, nas escolas. Junto se faz necessário à reflexão da atuação em cada contexto para sabermos e entendermos os limites e possibilidades desde os estágios auxiliados pelos professores das escolas que vêm ajudando na formação inicial de professores.

Outro limite abordado, conforme P2 diz respeito ao seguinte: "*Os limites são que as avaliações ainda são conteudistas e querem ainda uma reprodução. Se parar para pensar as minhas ainda são assim. Eles ainda estão condicionados a estudar para decorar para aquele momento, muitas vezes não conseguem responder daquela forma e não vão tão bem na prova, enquanto outros que decoraram vão melhor".* Tal questão é uma preocupação que perpetua na avaliação, pois: será que aquele aluno que respondeu em uma prova exatamente aquele conceito que foi "passado", conseguiu entender o mesmo? O que dizer sobre: *"querem ainda uma reprodução"?* Quem disse que os alunos precisam reproduzir conteúdos?

É preciso evoluir nas formas de avaliar o desempenho/aprendizagem dos alunos. A ideia é pensar de forma crítica no processo de ensino para ajudar a mudar concepções e a questão da avaliação classificatória. A começar pela troca de ideias e informações entre os estagiários, professores das escolas e universidade, no qual o estagiário vai se firmando na vida de professor nessa parceria durante a formação docente.

> Dispor de diferentes formas de avaliar também não possibilita por si só a aprendizagem discente. Precisamos avançar na discussão da avaliação escolar de forma crítica, não só dos estudantes, mas principalmente dos professores para compreensão do papel perante a função social que tem a avaliação na escola. Essa que também precisa avançar na excelência da aprendizagem discente pelos temas contemporâneos e tecnologias sociais e culturais (NINAUS; UHMANN, 2013, p. 9).

Planejar, agir e avaliar de forma colaborativa propicia um momento de troca de experiências entre estagiários e professores da universidade e das escolas. O estágio não é um momento de realização na prática do que foi apreendido na teoria durante a Graduação, mas o momento da interligação teórico-prática e a elucidação reflexiva para além das aulas de estágio.

> Nessa perspectiva, os currículos de formação de profissionais começaram, por meio dos estágios, a valorizar atividades para o desenvolvimento da capacidade de reflexão e da realização de pesquisa, tomando a prática existente de outros profissionais e dos próprios professores nos contextos institucionais (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p18).

Com essa pretensão, os estágios tornam-se mais significativos na formação inicial junto ao trabalho colaborativo do professor regente, pois ao conhecer o campo de atuação, momento em que, com a ajuda de todos se percebem os limites e as possibilidades de ensinar nas aulas.

Considerações finais

Sabendo que a avaliação é uma questão complexa e polêmica, um tema de interesse e discussão dos professores e pesquisadores impreterivelmente, para o qual até é possível dizer o que fazer em avaliação, no entanto, difícil é operacionalizar em ações, por desconhecermos ainda o como fazer adequadamente em avaliação para que ocorra o acompanhamento da aprendizagem sistematicamente. O papel mediador do professor é de fundamental importância na ação docente intrínseca às avaliações, trazendo para o aluno possibilidades de avanços na própria construção do conhecimento. Neste sentido: “O professor deve assumir a responsabilidade de refletir sobre toda a

produção de conhecimento do aluno, promovendo o 'movimento', favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder, construindo novo saberes junto com os alunos" (HOFFMANN, 2013, p.97).

Esta pesquisa nos mostrou que a partir da interação dialógica por meio dos questionamentos com as professoras (P1, P2, P3 e P4) foi possível fazer a própria e necessária reflexão também de quem pesquisa, ainda mais quando o tema é avaliação escolar que precisa de constante estudo e discussões devido complexidade. O que requer entendermos que a mesma está sempre em constante transformação e que não acontece de forma linear. Urge a necessidade de ser problematizada, principalmente por meio do diálogo em encontros formativos entre os professores, pois são nestes momentos que ocorrem à troca das vivências e experiências. Enfim, o que possibilita melhor esclarecimento sobre o tema pesquisado, junto aos referenciais para um melhor entendimento, principalmente para os sujeitos escolares, por exemplo, sobre a avaliação intrínseca no ensino.

Tratar da temática avaliativa buscando junto dos sujeitos escolares suas concepções e estratégias avaliativas é diferente de falar sobre os mesmos, mas sim com eles, visto o que disse P1, P2, P3 e P4 ao destacarem principalmente, a importância de momentos dialógicos para a própria melhoria da atuação docente nas escolas, consequentemente da aprendizagem discente por meio da avaliação. Enfim, a finalidade do processo avaliativo é buscar a constate evolução do aluno, o qual deixa de ser um indivíduo passivo para construir sua própria história (SAUL, 2008) em sociedade. Para o qual precisamos dispor de diferentes métodos de ensino que busquem desenvolver as capacidades de cada aluno, em resposta ao objetivo das concepções e formas de avaliação investigadas, entendendo que muito se faz, no entanto, pouco se pensa ao que se faz sobre o processo de avaliação nos espaços educacionais.

Ao avaliar nos transformamos em leitores de sujeitos, de seus textos e contextos, o que nos remete a incentivar, exigir e trazer mais as escritas para as aulas, visto que a leitura dos mesmos poderá construir e reconstruir sentidos na interlocução entre os sujeitos escolares. Avaliar o aluno deixa de ser um julgamento dos erros e acertos para um caminho a ser percorrido no processo de ensino, de tal forma partilhada que se confunda com as estratégias pedagógicas e didáticas. Entendendo, que se o aluno não sabe o caminho a ser percorrido, poderá vir a saber no processo, suas possibilidades de avanço e suas necessidades para a superação, sempre transitória, do não saber em saber (ESTEBAN, 2010).

Destacamos ainda, que escrever possui papel importante na formação do educando, pois só se aprende a escrever, escrevendo. Assim é preciso instigar o aluno a escrever sobre o que aprendeu em aula, fazendo relatórios, questionamentos, pesquisas, entre outros. Fazer uso de diferentes estratégias, em especial da escrita, esta que possibilita por meio da leitura, para possível compreensão do que os alunos produziram, assim aproximando-se dos limites e possibilidades construídos, com a chance de saber se o aluno compreendeu ou não determinado conteúdo e/ou bloco de conceitos. Güllich (2013, p.69) contribui: "Aulas que pressupõe produção e elaborações próprias dos estudantes assumem na tessitura escolar um papel formativo que exige do professor compromisso com a leitura e orientações sistemáticas de seus alunos" fazendo a diferença na vida escolar.

Portanto, no ensino, a avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, encaminhando-se a um saber em construção. Uma postura profissional que possibilita a reflexão da própria prática sobre as ações para sabermos quais os pontos precisamos melhorar, quais alunos precisam de um olhar mais atendo, caracterizando-se como um trabalho incentivador, desafiador, provocativo, ou seja, de ajuda intensa na orientação mediada entre os sujeitos escolares.

Referências

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BACCON, Ana Lúcia Pereira; ARRUDA, Sergio de Mello. Os saberes docentes na formação inicial do professor de física: elaborando sentidos para o estágio supervisionado. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 3, p. 507-524, 2010.

ESTEBAN, Maria Tereza. Pedagogia de Projetos: entrelaçando o ensinar, o aprender e o avaliar à democratização do cotidiano escolar. In: SILVA, J. P. da; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M. T. (Org.). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas*. Porto Alegre: Mediação. 8ª edição, p.83-89, 2010.

FERNANDES, Domingos. *Avaliação das Aprendizagens*: uma agenda, muitos desafios. Portugal: texto editora, 2004.

GÜLLICH, Roque Ismael da Costa. Apontamento sobre Planejamento e a Avaliação no ensino de Ciências Biológicas. In: GÜLLICH, Roque Ismael da Costa (org.). *Didática das Ciências*. Curitiba: Prismas, 2013, p.65-73.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora:* uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2003.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação: Mito & desafio*: uma perspectiva construtivista. 43. ed. Porto Alegre-RS: Mediação, 2013.

HOFFMANN, Jussara. *O jogo do contrário em avaliação*. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar*: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011b.

LÜDKE, Marli; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORETTO, Vasco Pedro. *Prova*: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

NASCIMENTO, Mari Clair Moro. *Avaliação da aprendizagem*: repercussões de modelos pedagógicos nas concepções docentes. – Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestredu/images/stories/downloads/dissertacoes/2012/2012_-_NASCIMENTO_Mari_Clair_Moro.pdf>. Acesso em: 27/01/2019.

NINAUS, Elizandra Brauner; UHMANN, Rosangela Inês Matos. Formação de professores e a temática da avaliação escolar. *III SINTEC* (Seminário Internacional de Educação em Ciências), 2014. Disponível em: <http://www.casaleiria.com.br/sintec3/sintec3.htm>. Acesso em: 02/02/2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis* - Volume 3, Números 3 e 4, p.5-24, 2005/2006. Disponível em: http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542 Acesso em: 02/02/2019.

SAUL, Ana Maria. Referenciais Freireanos para a prática da avaliação. *Revista de Educação,* PUC-Campinas, n. 25, p. 17-24, novembro 2008. Disponível em: http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reveducacao/article/view/90. Acesso em: 05/01/19.

UHMANN, Rosangela Inês Matos; ZANON, Lenir Basso. O paradigma da avaliação escolar em discussão na docência em ciências/química. *Anais do 33º EDEQ* (Movimento Curriculares da Educação em Química: o Permanente e o Transitório), 2013. Disponível em: https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/edeq/article/view/2750 Acesso em: 08/02/2019.

Enviado: 20/02/2019.
Aceito: 02/06/2019.